

## FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL COMO CAMINHO PARA PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA

Existential Phenomenology as a path for qualitative research in Psychology

Fenomenología Existencial como camino para la investigación cualitativa en  
Psicología

Ellen Fernanda Gomes Da Silva  
Suely Emilia De Barros Santos  
*Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)*

### Resumo

Neste artigo, de cunho bibliográfico, pretendemos colocar em discussão um caminho possível para a pesquisa qualitativa em Psicologia, tomando como direção pressupostos da Fenomenologia Existencial. Para isso, apresentamos a pesquisa qualitativa e demarcamos diferenças essenciais entre a pesquisa guiada pelo pensamento metafísico e a pesquisa pela via do pensamento hermenêutico – diversidades singulares importantes, em vista de ampliar o conhecimento da pesquisa qualitativa em Psicologia com mais rigor científico. Nesse sentido, apontamos o Diário de bordo e a Roda de conversação enquanto duas modalidades de investigação/intervenção que vem sendo adotadas em vários estudos acadêmicos, ambas atravessadas pela narrativa da experiência e pela técnica no sentido originário – *techné*, bem como os referenciais que tomamos como pontos de iluminação para nos guiar na análise compreensiva. Assim, o método para análise compreensiva em questão se deu pela “Analítica do Sentido” de Critelli e da “Hermenêutica Filosófica” de Gadamer. A partir daí podemos apontar que a inspiração fenomenológica existencial inaugura outro modo de compreender a pesquisa qualitativa em Psicologia, ao pôr a experiência como guia e ao possibilitar uma torção na compreensão de método enquanto *hódos-metá*. Tal modo de pesquisar, iluminado por pressupostos não metafísicos, pode suscitar reflexões/compreensões sobre o fenômeno que se busca conhecer; reflexões que se fazem no percurso da pesquisa, seguindo as pistas da questão que norteia o pesquisador e o movimento do próprio fenômeno.

**Palavras-Chave:** Fenomenologia Existencial; Hermenêutica; Pesquisa qualitativa; Psicologia.

### Abstract

In this bibliographical article, we intend to put in discussion a possible path for qualitative research in Psychology, taking as direction the presuppositions of the Existential Phenomenology. For this, we present qualitative research and demarcate essential differences between research guided by metaphysical thought and research through hermeneutical thought - important singular diversities, in order to expand the knowledge of qualitative research in Psychology with more scientific rigor. In this sense, we point to the Logbook and the Conversation Wheel as two modes of investigation / intervention that have been adopted in several academic studies, both crossed by the narrative of experience and technique in the original sense - techné, as well as the references we take as points of illumination to guide us in the comprehensive analysis. Thus, the method for comprehensive analysis in question was given by Critelli's "Analytic of Sense" and Gadamer's "Philosophical Hermeneutics". From this we can point out that existential phenomenological inspiration inaugurates another way of understanding the qualitative research in Psychology, by putting experience as a guide and by allowing a twist in the understanding of method as a metho-met. Such a way of research, illuminated by non-metaphysical presuppositions, can give rise to reflections / understandings about the phenomenon that seeks to know; reflections that are made in the course of the research, following the clues of the question that guides the researcher and the movement of the phenomenon itself.

**Key-Words:** Existential Phenomenology; Hermeneutics; Qualitative research; Psychology.

### Resumen

En este artículo, de cuño bibliográfico, pretendemos poner en discusión un camino posible para la investigación cualitativa en Psicología, tomando como dirección presupuestos de la Fenomenología Existencial. Para ello, presentamos la investigación cualitativa y demarcamos diferencias esenciales entre la investigación guiada por el pensamiento metafísico y la investigación por la vía del pensamiento hermenéutico - diversidades singulares importantes, en vista de ampliar el conocimiento de la investigación cualitativa en Psicología con más rigor científico. En ese sentido, apuntamos el Diario de a bordo y la Rueda de conversación mientras dos modalidades de investigación / intervención que vienen siendo adoptadas en varios estudios académicos, ambas atravesadas por la narrativa de la experiencia y la técnica en el sentido originario - techné, así como los referentes que tomamos como puntos de iluminación para guiarnos en el análisis comprensivo. Así, el método para análisis comprensivo en cuestión se dio por la "Analítica del Sentido" de Critelli y de la "Hermenéutica Filosófica" de Gadamer. A partir de ahí podemos apuntar que la inspiración fenomenológica existencial inaugura otro modo de comprender la investigación cualitativa en Psicología, al poner la experiencia como guía y al posibilitar una torsión en la comprensión del método como húmedos. Tal modo de investigar, iluminado por supuestos no metafísicos, puede suscitar reflexiones / comprensiones sobre el fenómeno que se busca conocer; reflexiones que se hacen en el recorrido de la investigación, siguiendo las pistas de la cuestión que orienta el investigador y el movimiento del propio fenómeno.

**Palabras-clave:** Existential Fenomenología; Hermenéutica; Investigación cualitativa; Psicología.

## SITUANDO A PROPOSTA METODOLÓGICA E QUESTIONANDO O PARADIGMA METAFÍSICO

A pesquisa qualitativa surge no contexto acadêmico a partir de críticas ao modelo positivista de intervenção que se fazia presente nas ciências humanas. Para Minayo (2014), tal modo de pesquisar se preocupa com aspectos dos processos e dos fenômenos, como significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos à instrumentalização de variáveis.

Nessa perspectiva, cabe realçar que a pesquisa qualitativa objetiva compreender questões singulares, lidando com inquietações que não se propõem a ser quantificadas, controladas ou mesmo universalizadas a partir dos resultados encontrados. Assim, para o olhar qualitativo é preciso conviver com a curiosidade, a criatividade, com as incertezas e imprevistos (Macedo, 2004).

As investigações qualitativas acolhem uma variedade de estudos e pesquisas que percorrem diferentes caminhos e adotam estratégias metodológicas diversas, a depender do enfoque epistemológico que as fundamenta. Segundo Schwandt (2006), a perspectiva da Fenomenologia Existencial surge, nesse cenário, como uma alternativa epistemológica para pesquisas qualitativas, a qual busca interrogar o fenômeno sem tentar adequá-lo às compreensões previamente existentes, almejando uma análise compreensiva da ação humana.

Interessante notar que a Fenomenologia Existencial vem, cada vez mais, sendo utilizada no contexto acadêmico. Sua preocupação volta-se para: compreender os fenômenos humanos e as realidades sociais a partir deles mesmos e não de uma representação imutável, precisa; assumir a verdade como marca humana, a qual é inconstante e insegura; questionar a neutralidade e indicar que o conhecimento está fundado na existência, carrega nossas tradições e enfatiza a experiência. Cabe mencionar que pesquisadores da área de Psicologia clínica como Evangelista (2016), Santos (2016), Rebouças (2015), Prado (2013), Silva (2013) fundamentaram suas investigações numa compreensão hermenêutica, a qual, a partir de pressupostos não metafísicos, possibilita reflexões/compreensões sobre o fenômeno que se busca conhecer; reflexões que se fazem no percurso da pesquisa, seguindo as pistas da questão que norteia o pesquisador e o movimento do próprio fenômeno.

A fim de compreender melhor essa proposta metodológica passaremos a questionar o paradigma metafísico ao mesmo tempo em que situaremos a pesquisa a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais.

De início, cabe mencionar que a tradição metafísica, ao proceder com a cisão do real, estabelece diversas dicotomias. Trata-se de oposições que constituíram

hegemonicamente o modo de compreender o homem, o mundo e também a realização de pesquisas. Dentre os variados dualismos podemos citar: 1) *Sujeito-objeto* que coloca o homem e o objeto em polos diferentes. A presença de algo é compreendida como representação, dada a partir de si mesmo. O sujeito, portanto, é substantivado, determinado para corresponder às condições de mensurabilidade. 2) *Universal-singular* – homem e mundo não são uma totalidade, podendo ser analisados como instâncias separadas, sem pertença. O “eu” é compreendido como entidade encerrada em si, permanente em sua identidade, passível de controle e que se constitui dicotomicamente em relação ao mundo.

Heidegger é considerado um dos pensadores que buscou romper com a tradição metafísica de objetificação da existência humana e interrogou o sentido de método adotado nas ciências naturais. Seguindo a inspiração heideggeriana, vamos trilhar, brevemente, um percurso de interrogar a hegemonia metodológica, a fim de abrir passagem para situar a Fenomenologia Existencial enquanto um possível caminho metodológico de pesquisa em Psicologia.

Compreendendo o sentido etimológico da palavra método (do grego *Méthodos*) como “caminho para”, percebemos que, na tradição metafísica, o método é um caminho seguro que vai sendo traçado com prescrições dadas de antemão. Iniciando num mesmo ponto de partida, diversas pessoas podem chegar ao mesmo ponto de chegada, caso não se desviem da “rota indicada”.

Importa assinalar que, para ciência moderna, o método tem um papel primordial, pois o conhecimento científico necessita de uma maneira determinada de proceder às investigações em pesquisa; visa dominar os fenômenos no sentido de posse, assegurando a previsibilidade. O método é, pois, essencial para alcançar “a verdade das coisas”, verdade que é tomada no sentido da objetividade dos objetos (*veritas objectorum*) – aquilo que podemos ver clara e evidentemente ou deduzir com precisão. Nessa perspectiva, a compreensão está ligada a uma verdade constituída previamente como adequação do real – *veritas*. A verdade é definida como única, como aquilo que, após eliminar tudo que for de alguma maneira duvidoso, “pode ser verificado de modo claro, óbvio, seguro e indubitável, isto é, certo para o eu que representa” (Heidegger, 1987/2017, p.143).

Quando a pesquisa segue este paradigma metafísico, é entendida enquanto conhecimento previsível, certificável, controlável. Há uma predominância da razão, da verdade permanente, ou seja, a *idéa* sendo assumida como padrão, havendo assim um domínio do pensamento metafísico. Segundo Michelazzo (1999, p.37, grifos do autor), esse pensar “transformou a força do desabrochar (*phýsis*) em aspecto (*idéa*) e a verdade (*alétheia*) em exatidão (*orthótes*)”. Assim, por este olhar das ciências naturais, há um distanciamento da verdade como *alétheia* e estranha-se a presença do inusitado no percurso da pesquisa.

Na tentativa de questionar a mensurabilidade e o método que busca resolver tudo imediatamente, Heidegger (1987/2017, pp.139-140) comenta: “o simples praticamente não nos impressiona mais em sua simplicidade, porque o modo de pensar científico habitual destruiu a capacidade de se espantar com o óbvio”. Assim, o simples que resguarda o enigma dos fenômenos, precisa de tempo para crescer e amadurecer ao longo do caminho, não podendo ser submetido à planejamentos que objetivam instaurar ordenação e certezas absolutas.

Nesta direção, a pesquisa fenomenológica existencial assume a mutabilidade da verdade, voltando-se para a compreensão do fenômeno, interrogando-o, mas não com vistas a confirmá-lo teoricamente:

Genericamente podemos dizer que investigar é sempre colocar em andamento uma *interrogação*. É perguntar. Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. Investigar não é, assim, uma aplicação sobre o real do que já se sabe a seu respeito. Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo (Critelli, 2007, p.25, grifo da autora).

Nesse sentido, Gadamer (1986/2008) frisa que pesquisar, a partir da perspectiva hermenêutica, implica estar aberto ao acontecimento dialógico. Ou seja, é preciso compreender que o fenômeno que se busca conhecer se revela em conversação. Tal diálogo é caracterizado por sua incompletude e incerteza, pois, à medida que é destituído de regras pré-definidas, encaminha-se para uma direção improvável.

Heidegger propõe o exercício de pensarmos o método como “o caminho que leva a algo” (2009, p.139). O autor ressalta que não podemos estabelecer o método de antemão, pois o caminho se faz ao caminhar. Diante disso, podemos indagar: Que caminho é mais pertinente para se levar adiante uma pesquisa? Não se pressupõe uma configuração específica, um conjunto de regras para trilhar uma pesquisa fenomenológica existencial. O caminho é construído ao passo que é trilhado, é desvelado ao nos aproximarmos do fenômeno em questão. Trata-se de um percurso a ser apreendido a partir da própria experiência. Contrapondo-se à rigidez ou tentativa de controle dos fenômenos, “reconfigurações do método, a partir da experiência em campo, são possíveis e mesmo esperadas, não constituindo falta de rigor, mas sim, flexibilidade” (Cabral & Morato, 2013).

Desse modo, o caminhar possibilita seguir a direção apontada pela questão norteadora da pesquisa – pergunta que, a cada passo, é retomada e pode ser compreendida com um outro sentido. Uma vez impulsionado por aquilo que fez mover sua curiosidade, o pesquisador busca sentidos/compreensões para algo que parece enigmático.

É desse estranhamento que surge a possibilidade de pesquisar, conforme salienta Critelli (2007). Mas, como lidar com o imprevisto mantendo a atitude de um pesquisador? Sem dúvida, responder a esta questão com um posicionamento único, contradiz o pensamento fenomenológico hermenêutico aqui assumido. Assim, apontamos a possibilidade de pôr a questão em andamento, afinal, a

*Investigação* é por nós entendida como um querer saber que interroga. O que se quer saber; paralelamente ao *modo da interrogação*, é aquilo que decisivamente interessa [...] e não o *regramento do proceder*; que é o que se põe em questão quando o enfoque da investigação recai sobre o instrumental. (Critelli, 2007, p.26, grifos da autora).

Esse olhar encontra-se em consonância com o pensamento de Heidegger (2009), quando sinaliza que o método fenomenológico se envolve num caminho diferente do método científico-natural, o qual, assegurando-se de sua estabilidade, visa a neutralidade. No processo de construção do conhecimento de uma pesquisa fenomenológica existencial, pesquisadores e participantes encontram-se implicados, longe de qualquer perspectiva de neutralidade. Nesse contexto, os participantes da pesquisa não aparecem como meros sujeitos, mas como colaboradores/co-autores na produção conjunta de reflexões.

À luz das considerações já apontadas, o modo de compreender a pesquisa fenomenológica existencial questiona o absolutismo do método científico natural ao passo que: aceita a relatividade de perspectivas do saber e da verdade; realça que os fenômenos podem se mostrar de diferentes maneiras, a diversos olhares; indica que as tentativas de cálculo e o controle frente aos fenômenos têm sido uma tarefa irrealizável; o pesquisador não é neutro frente ao que almeja conhecer; as teorias são importantes, mas é preciso ter cuidado para não nos paralisarmos diante de conclusões apressadas; o pesquisador assume um lugar “indeterminado”, abrindo-se para o que acontecer.

## **AS MODALIDADES DE INTERVENÇÃO/INVESTIGAÇÃO**

Diante da possibilidade de uma articulação metodológica de pesquisa qualitativa em Psicologia a partir da Fenomenologia Existencial é relevante afirmar que os procedimentos empregados no decorrer da pesquisa não são definidos *a priori*. Cabe realçar também que não há uma única forma de registro nem um instrumento que garanta a totalidade daquilo que estamos buscando investigar. É a temática mesma de investigação que indica como pode ser acessada, são as coisas mesmas que encaminham seu modo de tratamento.

Assim, a seguir, serão apresentadas duas modalidades de intervenção/investigação que podem ser utilizadas em pesquisas qualitativas: o Diário de bordo e as Rodas de conversação. Ambos são compreendidos como *tékhné*, ou seja, dizem respeito ao modo de conhecer, de revelação que se dá pela compreensão. É importante assinalar que esse olhar tem a marca do pensamento heideggeriano, o qual realça que

*Tékhné* não significa, para os gregos, nem arte, nem artesanato, mas um deixar-aparecer algo como isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, no âmbito do que já estar em vigor. Os gregos pensam a *tékhné* [...], o produzir, a partir do deixar-aparecer (Heidegger, 1979/2012, p.138-139, grifos do autor).

Um segundo aspecto que permeia o Diário de bordo e as Rodas de conversação diz respeito ao construir de uma pesquisa com a narrativa em evidência. Para Benjamin (2012) a narrativa é

[...] uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (p. 205, aspas do autor).

Nesse sentido, afastando-se da ideia de coletar informações a fim de explicar fatos, a narrativa é vista como uma contação de experiência. Como expõe Schmidt (1990, p. 70), nesse modo de pesquisar, “cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações”.

Vale destacar que no caminhar de uma pesquisa pela via da narrativa, a linguagem se mostra pela *poiésis*. A linguagem de uma pesquisa fenomenológica existencial comunica as experiências em diálogo dos pesquisadores, as compreensões dos fenômenos desvelados, os depoimentos dos participantes-colaboradores e as articulações com a literatura pesquisada.

## DIÁRIO DE BORDO

De acordo com Aun e Morato (2009), o “diário de bordo” apresenta-se como recurso metodológico em pesquisas qualitativas, ao passo que possibilita o registro da experiência. O diário é realizado, a próprio punho, por um protagonista disposto a

compartilhar as marcas dos vestígios da experiência. Cabe mencionar que a expressão “diário de bordo” origina-se dos diários dos viajantes. A partir das experiências nas navegações, relatavam as conquistas e os riscos frente ao desconhecido e ao misterioso.

Importante fazer uma ressalva acerca da diferença entre diário de campo, o qual, originário da Antropologia, também se configura como instrumento de pesquisas qualitativas nas ciências humanas e sociais. Para Minayo (2014), nos diários de campo,

[...] constam todas as informações que não sejam os registros das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais. (p.100).

A citação acima, nos remete à ênfase na informação e na observação. Esses dois aspectos nos levam a refletir que o diário de campo parece aproximar-se do paradigma metafísico, tendo o pesquisador como observador, aquele que relata as informações a respeito do que está a pesquisar. Entretanto, é importante expor que há, também, o registro de suas impressões, embora o cerne de suas investigações esteja voltado às representações e não para a experiência.

Por outro lado, o diário de bordo foca na experiência do narrador/ouvinte, desvelando-se como um espaço de reflexão, de registro autoral. O pesquisador é “pesquisador da experiência” e se mostra como um contador de histórias, fiando concomitantemente outras histórias com outros. Assim, o pesquisador narra histórias que estão nele tatuadas, possibilitando a criação de outro sentido a partir do que ouviu (Benjamin, 2012).

Portanto, os diários de bordo “[...] não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador” (Aun & Morato, 2009, p.123). A narrativa da experiência é o foco dessa modalidade de investigação.

A possibilidade de o diário de bordo ser utilizada como recurso de pesquisa no âmbito da Psicologia já foi explorado em diversos trabalhos, o que mostra a sua relevância enquanto modalidade de investigação em pesquisas qualitativas. Cautella Jr. (2012), a partir do diário de bordo dos participantes, investigou a crise dos plantonistas no Hospital Universitário. Silva (2013) escolheu o diário de bordo para registrar sua experiência em um serviço de Reprodução Humana, em busca de compreender a experiência de homens inférteis. Prado (2013), através das narrativas de diários de bordo colhidas em seus



atendimentos clínicos, discutiu a possibilidade da linguagem da ação clínica ser compreendida como poética. Santos (2016) utilizou o diário de bordo para narrar sua experiência no Morro Bom Jesus a fim de compreender como a ação clínica de psicólogos, guiada por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano.

Essa caminhada em pesquisa qualitativa com inspiração fenomenológica existencial, lançando mão do diário de bordo, realça a pertinência dessa modalidade de intervenção/investigação no campo de estudos qualitativos em Psicologia.

## **RODA DE CONVERSAÇÃO**

O termo “Roda de conversa” é indicado por Santos (2016). Inicialmente, a autora realça a distância que sua proposta metodológica apresenta de “Método da Roda” ou “Método Paidéia”.

Tal método proposto por Campos (2000), se mostra como espaço de diálogo que enfatiza a troca de informações e reflexões, visando a autonomia daqueles que dele participam. Assim, as Rodas se mostram como espaços coletivos voltados para resolução de questões acerca da realidade de trabalho, para as informações necessárias a gestão de pessoas, bem como para a construção de propostas a partir de diversos pontos de vista dos participantes.

Embora a roda de conversa apontada por Campos (2000) seja um recurso bastante utilizado em pesquisas interventivas nas ciências sociais, Santos (2016), inspirada na hermenêutica filosófica de Gadamer (2002/2010) e na compreensão de narrativa de Benjamin (2012), ressalta a proposta da Roda de Conversação como

[...] um encontro entre humanos, que se mostra como espaço em que histórias podem ser contadas, ou seja, uma comunicação dialógica como abertura para a criação de sentido da experiência. Desse modo, a roda de conversa se mostra como um modo de colocar a conversa em ação que circula dialogicamente na roda: uma convers(a)ção, um versar com o outro em ação. (p.43).

Na Roda de conversa o pesquisador encaminha-se para o cuidar do escutar/dizer da experiência, abrindo-se a possibilidade de criar algo novo pela via da fusão de horizontes. Ao falarmos em fusão de horizontes (Gadamer, 2002/2010), vale assinalar que na conversa nossos pressupostos, preconceitos e concepções são postos em questão, sendo esse movimento compreendido como possibilidade de criação de outro sentido, a partir da fusão dialógica de dois horizontes históricos compreensivos. Isso “não

quer dizer, necessariamente, experienciar algo novo, mas em diálogo com o outro é possível encontrar e coconstruir algo que ainda não havia sido des-coberto na experiência” (Santos, 2016, p.43).

Na Roda de conversação a experiência é posta em curso, como uma convers(a)ção. Ao lançar mão da Roda de conversação como modalidade de intervenção/investigação em uma pesquisa qualitativa, o pesquisador “recolhe” os depoimentos das experiências e em convers(a)ção com os participantes-colaboradores, empreendem um modo de transitar entre horizontes, como possibilidade para a criação de outro sentido, de outro horizonte.

## **ANÁLISE COMPREENSIVA**

Após termos discutido dois recursos metodológicos que podem ser adotados em uma pesquisa qualitativa numa perspectiva fenomenológica existencial, passaremos agora a apresentar uma via de análise compreensiva/interpretativa dos fenômenos, a partir de alguns aspectos do pensamento de Critelli (2007) e Gadamer (1986/2008).

De início, importa esclarecer que a hermenêutica possibilita um exercício de desvelamento, compreensão e interpretação. Segundo Heidegger (1959/2011, p.97), “hermenêutico não diz interpretar, mas trazer mensagem e dar notícia”. A palavra hermenêutica tem sua origem vinculada ao deus grego Hermes, mensageiro dos deuses, que tem como missão seguir dando notícia “à medida que consegue escutar uma mensagem” (p.96). Desse modo, na análise compreensiva de uma pesquisa fenomenológica existencial, o pesquisador se coloca como mensageiro: sua ação é desvelar sentido, e comunicá-lo.

Como diz Schwandt (2006), “a hermenêutica filosófica sustenta que a compreensão não é, em primeiro lugar, uma tarefa controlada por procedimentos ou por regras, mas, sim, justamente, uma condição do ser humano. A compreensão é a interpretação” (p.198, grifo do autor). Nesse sentido, distinguindo-se da informação e do conhecimento técnico-científico, a compreensão é “vivida”, existencial.

Critelli (2007) indica a Fenomenologia como “um novo chão” sobre o qual é possível se dirigir ao real. Retomando a tradição metafísica, a qual parte de uma cisão entre ser e ente, a autora salienta que, nessa direção, o ser apresenta-se permanente, substancial. Já na perspectiva fenomenológica não existe separação entre ser e ente. O que vige é a dinâmica impermanente, fenomênica de encobrimento e desencobrimento.

Pelo olhar da “Analítica do Sentido”, investigar é um querer saber que interroga. A ênfase na investigação encontra-se na coparticipação e interpenetração de perspectivas pesquisador-colaboradores, realçando, assim, a dimensão plural e singular entre os olhares:

O interrogador faz parte do que ele *quer saber* e *do que ele pode ver*. Ele é elemento constitutivo deste *olhar* em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha. [...] Este olhar do interrogador ou interrogador, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade. Esse olhar do interrogador também deve ser interrogado fenomenologicamente, em busca de seu sentido (Critelli, 2007, p.134, grifos da autora).

Critelli (2007, p.69) destaca que o aparecer fenomênico dos entes se liga diretamente ao “movimento de realização”, “[...] cujo fundamento e desdobramento são temporais, existenciais e não meramente metodológicos”. São cinco as possibilidades de mostraçã para a interpretação do real. Cabe realçar que, didaticamente, serão apresentadas separadamente, mas acontecem concomitantemente ao longo do curso da pesquisa, como assinala Santos (2016, p.49, grifos da autora):

- Desvelamento - momento da afetabilidade em que o fenômeno é percebido, é retirado do ocultamento, mesmo que momentaneamente, pois pode voltar ao velamento e/ou desvelar-se de outros modos. É o trazer algo à luz, mesmo que desse algo já tenhamos uma pré-compreensão. No movimento, algo pode ser velado e esse encobrimento não fala de um juízo de valor negativo, mas da dinâmica própria do fenômeno de mostrar-se/ocultar-se;

- Revelação - momento de confirmação e conservação pela linguagem do fenômeno que se apresentou. Aqui, o que se é desvelado é acolhido, registrado e transmitido pela linguagem, uma vez que, aquilo que não se comunica não existe.

- Testemunho - o momento da comunicabilidade, quando o fenômeno desvelado e revelado pode ser visto e ouvido por outros. Nesse movimento, a coexistência se faz presença, uma vez que o que é desvelado e expresso (revelado) passa a ser compartilhado com outros. O testemunho é abertura para que o que foi desvelado e revelado se manifeste; é a explicitação de que no ser-no-mundo tudo se faz pluralidade;

- Veracização - mostraçã da compreensão, reconhecimento do fenômeno manifesto por uma referência. Aquilo que se desvela, no seu trajeto de realização, tem como tarefa ser verdadeiro. E, para alcançar a veracidade de algo, utilizamos a relevância pública como critério de verdade, nos distanciando da veracidade alcançada pela precisão metodológica de natureza conceitual.

- Autenticação – configura-se como efetivação de algo em sua consistência, por meio da experiência afetiva e singular de cada humano. Sendo tarefa do homem a autenticação, considera-se seus estados de ânimo no processo de conhecimento/interpretação.

A partir do pensamento de Critelli (2007), percebe-se que o modo fenomenológico existencial de interrogar o fenômeno afasta-se de procedimentos pré-definidos e segue o movimento circular do fenômeno a ser investigado. Visualizamos aqui a possibilidade de entrelaçamentos com a hermenêutica gadameriana, realçando as dimensões da tradição, fusão de horizontes, conversação e o jogo.

No que se refere à tradição, de acordo com Lawn (2011), sua origem latina, *tradere*, significa “passar adiante” trazendo a ideia de uma atividade que é transmitida, passada a diante. Ao corroborar com essa ação de transmissão, Benjamin (2012, p.221, grifos do autor), indica que o narrador “[...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). [...] Seu *dom* é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira”. A tradição, portanto, se faz colaboradora do processo de conhecimento, assumindo que o conhecer parte de uma pré-compreensão, a qual se revela como possibilidade para que a compreensão/interpretação se dê.

Para Gadamer (2002/2010), a pré-compreensão, tal como os preconceitos, fazem parte de nossa história não se constituindo enquanto obstáculos para a compreensão do mundo. A reflexão crítica gadameriana discute que no Iluminismo o sujeito é “desprendido” de sua temporalidade existencial para analisar/comprovar apenas com o crivo da razão, livre de qualquer preconceito. Logo, cabe questionar: é possível uma suspensão dos preconceitos ao realizar uma análise numa pesquisa? Seguindo as pistas gadamerianas o mundo constitui o horizonte de nossa compreensão. Assim sendo, os preconceitos – fatos históricos que nos atravessam – constituem nossa tradição. Os preconceitos também podem limitar a compreensão; mas, quando explicitados, interrogados e interpretados tornam-se o “fundamento” constitutivo da compreensão.

Na análise compreensiva do fenômeno, cabe ao pesquisador não somente reproduzir a narrativa dos colaboradores nem o conhecimento teórico da literatura pesquisada, mas ampliar o seu próprio horizonte para que possa interpenetrar o outro e por ele ser interpenetrado. Essa “fusão de horizontes” pode ocorrer ao se questionar, no encontro com o outro, os pressupostos/preconceitos. Segundo Gadamer (2002/2010, p.405), “os horizontes separados como ponto de vista diferentes fundem-se num”, realçando que na pesquisa, numa perspectiva fenomenológica existencial, não há neutralidade.

Vale destacar, à vista disso, que a fusão de horizonte implica conversação. Para Gadamer (2002/2010, p.243), “a linguagem apenas se dá no diálogo” e o que surgirá de uma conversação não podemos saber de antemão. A conversação corresponde a um processo de pôr-se de acordo, o que pressupõe nos deixarmos repousar frente ao outro, de maneira a dar espaço para manifestação de seus pontos de vista; e, assim, ser possível a construção de uma linguagem comum. A partir das considerações até aqui tecidas, vai ficando claro que o sentido de pesquisar não se restringe ao horizonte compreensivo do pesquisador, pois a investigação transita entre os horizontes de todos os colaboradores da pesquisa.

A noção gadameriana de jogo auxilia a compreensão do modo como o círculo hermenêutico se movimenta. O jogo, para Gadamer (1986/2008, p. 156), é “o vaivém de um movimento que não fixa em nenhum alvo que termine [...] mas que renova-se a cada repetição”. Nessa direção, em qualquer modalidade, somente há jogo quando o participante está entregue no movimento próprio deste.

Na pesquisa fenomenológica existencial, o jogo se mostra como um movimento nos diversos modos possíveis de narrar experiências. O jogo também abriga a condição de estar-lançado de modo que não se busca uma meta pré-determinada, nem depende de apenas um integrante; conservando, assim, o caráter de indeterminação e a possibilidade de criação.

Para Gadamer (1986/2008), o término do jogo não se refere à solução das suas tarefas, “mas a ordenação e configuração do próprio movimento do jogo” (p. 161). Essa compreensão também pode iluminar a pesquisa fenomenológica existencial, a qual, pela via do jogo, revela-se numa atitude de abertura aos fenômenos investigados. A interpretação não ocorre na afirmação, em sentenças definitivas/reducionistas, mas pela pergunta, na abertura de possibilidades de reinterpretção, construção. Tal posicionamento, distancia-se do método científico que, fundamentado em premissas metafísicas, parte de uma hipótese buscando confirmá-la.

O caminho do pesquisar realça um movimento de vaivém próprio do jogo, em que o pesquisador assume a condição de testemunha de uma experiência narrada, via conversação. Nesse sentido, o jogo surpreende, pois não há controle, não há certezas do que ali irá resultar. É o jogo que mantém os jogadores a caminho, sustentando, concomitantemente, a tensão e o mistério do jogar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo, de caráter bibliográfico, buscou responder, mesmo que brevemente e de modo inconcluso, a necessidade de realçar a importância do pensamento

fenomenológico hermenêutico no campo de estudos qualitativos em Psicologia. Desse modo, inicialmente realizamos uma breve crítica ao paradigma metafísico que fundamentou as pesquisas em Psicologia; depois apontamos o Diário de bordo e a Roda de conversação enquanto duas modalidades de intervenção/investigação em pesquisa qualitativa com olhar fenomenológico hermenêutico; e, por fim, foi feito um breve diálogo a respeito da análise compreensiva do fenômeno, tomando como orientação a proposta de Critelli (2007) e Gadamer (1986/2008).

Como vimos, a escolha de um caminho metodológico pela pesquisa qualitativa em Psicologia, de inspiração fenomenológica existencial, mostra-se possível quando se pretende pesquisar a experiência dos participantes-colaboradores, uma vez que a narrativa da experiência não se restringe a informações de fatos, mas o compartilhar modos de ser-no-mundo-com-outros, modos de existir. Assim, como a linguagem é a expressão da existência humana, e essa é fluida, singular, exclui-se a tentativa de explicá-la através de uma verdade estável ou generalista, como preconiza o pensamento metafísico. Mas vislumbra-se a possibilidade de compreendê-la pela via de pressupostos como indicadores formais que guiam para a criação de sentido, a singularidade, a *alethéia* (desvelamento).

Nessa direção, podemos dizer que numa pesquisa qualitativa com olhar fenomenológico hermenêutico, há uma torção no modo de compreender o método (*metá-hódos*), passando esse a ser visto como *hódos-metá*, ou seja, um caminho que se faz ao se pôr em andança com os participantes-colaboradores. Um caminho que se faz percorrendo com-outros, diversos trajetos, podendo então, desvelar-se a trama de sentido que se buscou investigar pela questão-bússola.

Para tanto, é importante que as modalidades de intervenção/investigação se mostrem como “espaço vivo”, tecedor de histórias narradas, pois neles é possível a contação das experiências tanto do pesquisador/pesquisadores (diários de bordo), como dos participantes-colaboradores (rodas de conversação). Aqui, destacamos que a pesquisa fenomenológica existencial surge como possibilidade para trilhar caminhos acompanhando o revelar/encobrir dos fenômenos que se está a investigar. Tal modo de pesquisar rompe com a ideia de debater sobre temas teóricos *a priori*, sem interseção com a experiência, bem como ressalta que pesquisar é uma criação coparticipativa, uma vez que “O conhecimento é construído a partir da ação com o outro” (Andrade, Morato & Schmidt, 2007, p. 198).

Vale ressaltar que, será essa dialogia que poderá abrir caminhos para que uma análise compreensiva se constitua como tessitura não apenas das teorias já construídas e consolidadas, mas da fusão de horizontes que poderá acontecer em conversação entre as experiências do pesquisador/pesquisadores, dos participantes-colaboradores e dos conhecimentos prévios já presentes na literatura. Desse modo, a pesquisa numa

perspectiva hermenêutica aproxima-se da *techné*, como desvelamento, ao invés da técnica moderna como instrumento.

Diante desses aspectos apontados, encontramos uma radical diferença entre o pensamento metafísico e os pressupostos fenomenológicos hermenêuticos no construir de uma pesquisa qualitativa em Psicologia. De um lado, uma pesquisa científica que, empiricamente confirma sua verdade a partir de premissas teóricas-explicativas, mas que se caracteriza a partir de uma coisificação da existência. E de outro, uma pesquisa de inspiração fenomenológica existencial que inaugura outro modo no qual a experiência se faz guia para buscarmos as lentes que se mostrarão como indicativos formais, pressupostos a partir dos quais poderemos dialogar com outros olhares já anteriormente lançados.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, A. N. de, Morato, H. T. P. & Schmidt, M. L. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In: Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M. (orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia*. (pp.193-206). Vitória: UFES/GM Gráfica Editora.
- Aun, H. A.; & Morato, H. T. P. (2009) Atenção Psicológica em Instituição: Plantão Psicológico como cartografia clínica. In H. T. P. Morato, C. L. B. T. Barreto & A. P. Nunes (coords.). *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva Fenomenológica Existencial*. (p.p. 121 - 138). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan. (Coleção fundamentos da Psicologia).
- Benjamin, W. (2012). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (pp. 197-221). (8ª ed). São Paulo: Brasiliense.
- Cabral, B. E. & Morato, H. T. P. (2013). A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In: Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. & Caldas, M. T (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. (pp. 159-181). Curitiba: Juruá Editora.
- Campos, G. W. S. (2000). *Um método para análise e co-gestão de coletivos*. São Paulo: HUCITEC.
- Cautella Jr, W. (2012). *Do inominável à pro-dução de sentido: o plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, SP.
- Critelli, M. D. (2007). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. (2ª ed). São Paulo: EDUC/Brasiliense.
- Evangelista, P. E. R. A. (2016). *Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba: Juruá.

- Gadamer, H. G. (1986/2008). *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. (10ª ed.) (E. P. Giachini, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco. (Coleção pensamento humano).
- Gadamer, H. (2002/2010). *Verdade e método II: complementos e índice*. (5ª ed.) (E. P. Giachini, trad.) Petrópolis/RJ: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Coleção pensamento humano).
- Heidegger, M. (1987/2017). *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas*. (3ª ed.) (G. Arnhold; M de F. de A. Prado; R. Kirchner, trad.). São Paulo: Escuta.
- Heidegger, M. (1959/2011). *O caminho da linguagem*. (5ª ed.) (M. S. C. Schuback, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: SP: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (1979/2012). Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e conferências*. (pp.125-141) (8ª ed) (E. C. Leão; G. Forgel; M. S. C. Schuback, trad.) Petrópolis: Vozes.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. (3ªed.). (H. Magri Filho, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2014). *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14ª ed). São Paulo: HUCITEC.
- Santos, S. E. de B. (2016). *“Olha!... arru(a)ção!?” a ação clínica no viver cotidiano: conversa com a Fenomenologia Existencial*. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Schmidt, M. L. S. (1990). *A experiência de psicólogas na comunicação de massa*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, SP.
- Schwandt, T. (2006). As três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretação, hermenêutica e construcionismo social. In: Dezin, N. K. (org), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (pp. 193-217). Porto Alegre: Artmed.
- Silva, E. F. G. (2013). *A “cegonha tecnológica” no caminho do projeto parental: dialogando com a experiência de homens (in)férteis*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Prado, R. A. de A. (2013). *A Linguagem poética na Clínica Fenomenológica Existencial*. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Rebouças (2015), M. S. S. *Aborto: um fenômeno sem lugar – uma experiência de plantão psicológico a mulheres em situação de abortamento*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

#### **Nota sobre as autoras:**

**Ellen Fernanda Gomes Da Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutorado em andamento pelo mesmo Programa de Pós-Graduação. E-mail: ellenfernanda1@hotmail.com.



**Suely Emilia De Barros Santos.** Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professora da Universidade de Pernambuco (UPE –*Campus* Garanhuns). E-mail: [suely.emilia@upe.br](mailto:suely.emilia@upe.br).

Recebido em: 17/06/2017.

Aprovado em: 16/09/2017.